

A PEREGRINAÇÃO DE FERNÃO MENDES PINTO

Aluno: Luiz Felipe Urbietta Rego
Orientadora: Flávia Maria S. Eyler

Introdução

Em nossa pesquisa buscamos compreender os diferentes tipos de mentalidade que surgem ou se modificam no período de transição do final do Medievo até a primeira metade do Renascimento. Dentro desse intervalo temporal, temos o início das Grandes Navegações, evento vital para a compreensão desse período, que irá marcar profundamente as mentes e corações dos homens daquele tempo. O objeto de nossa pesquisa é a obra *A Peregrinação* [1] de Fernão Mendes Pinto (1546-1583). O estudo de sua obra adquire uma especial importância pela riqueza das experiências sociais relatadas dentro da dimensão literária, onde a linguagem assume um papel decisivo nas descrições e concepções do mundo.

Objetivos

É a partir dessa obra que procuraremos analisar a formação da imagem do(s) outro(s), os não muçulmanos, no século XVI, nos aprofundando nos relatos do Oriente, mais especificamente no Japão e na China. Também estaremos discutindo a construção e interpretação de discursos de época e seu processo de apropriação e resignificação para a contemporaneidade.

Metodologia

O término da leitura do primeiro volume da obra de Fernão Mendes Pinto referente à sua saída de Portugal, aos embates com Coja Acém e sua passagem pela China, marcam uma série de questões. Para abordá-las tomamos a seguinte linha de ação, baseada no estudo da obra em duas frentes. Uma delas, é análise do relato como possibilidade de construção discursiva, cujo horizonte de referências nos permite perceber os movimentos e os impasses, tanto da viagem de Fernão Mendes Pinto, quanto da viagem da própria maneira de dizer o mundo. A outra frente diz respeito a uma abordagem histórica do século XVI que nos permita enfrentar riscos de anacronismo. Assim, é através do cruzamento entre texto e contexto que nossa leitura vai caminhar.

Na primeira frente nos deparamos com uma mudança drástica de paradigma, Fernão Mendes Pinto passa do relato da perseguição ao pirata muçulmano Coja Acém, onde temos a noção clara da situação e dos papéis das personagens, para sua estadia na China, onde tais fatores ficam mais nebulosos e relativos. Aqui, Mendes Pinto passa a se aprofundar cada vez mais na cultura e hábitos do Extremo Oriente. No relato, podemos perceber que sua jornada é, agora, voltada abertamente para o lucro comercial, para não dizer pilhagem. Tal objetivo é declarado indiretamente por sua persona, Antônio de Faria.

A narrativa a partir daí adquire um forte cunho individualista. Deixa de ser a epopéia coletiva dos marinheiros portugueses singrando os mares para derrotar o terrível inimigo da cristandade (e de Portugal), Coja Acém e transforma-se no relato da jornada de um indivíduo procurando atingir suas metas pessoais.

O posicionamento com relação ao outro agora muda radicalmente. Outrora um inimigo declarado e conhecido, os “outros” dessa parte da obra têm um caráter e funções múltiplas. Os chineses são ao mesmo tempo os inimigos, os guias, os críticos e os salvadores dos portugueses. Eles se encaixam no conceito de monstro lógico, definido por Hartog[2] como

um ser que reúne em si diversas características conflitantes. As técnicas de discurso tradicionais são inúteis para descrevê-los, pois não há características no mundo da época para abrir uma base de comparação em termos de relatividade cultural..

A sua época marca-se justamente por ser um período de transição, no qual não havia modelos ou estilos vigentes que orientassem a representação do real em termos de ficção ou não. Coube a Fernão Mendes Pinto, com base nos seus poucos conhecimentos de técnica e escrita narrativa criar impasses sobre as fronteiras tanto territoriais quanto discursivas. Esse foi um processo gradativo, com graus de sucesso variáveis, mas que se encontra claramente visível na Peregrinação. Essa foi uma obra que se modificou junto com o seu “autor”, sendo essa uma de suas características mais notável.

Novamente dialogando com um dos teóricos de nossa atualidade, o caráter do discurso presente na Peregrinação está ligado com o conceito defendido por Hayden White[3] de discurso trópico. O caráter trópico do discurso na Peregrinação encaixa-se perfeitamente na definição vigente de *tropos*, isto é, ele é repleto de “desvios” do uso convencional da linguagem não sancionados pelo costume ou lógica. Isso reflete a própria educação de nosso autor, pautada muito mais pelo conhecimento prático, fruto da experiência vivida do que do saber teórico e erudito.

Na vertente mais contextual de nosso estudo, encontramos duas referências com grande potencial. A primeira encontra-se na própria obra e é a citação de um livro chinês denominado Aquesendó, cujo próprio autor declara ter lido e usado como principal fonte de referência para o conhecimento dos chineses. As pesquisas preliminares não revelaram muitas informações sobre esse livro. Pesam contra ele o fato de que esse talvez não seja seu título verdadeiro e sim uma aproximação do termo original chinês para o português. A segunda consiste em uma nova versão, recentemente publicada da reedição de uma antiga versão anotada por António José Saraiva que pode engrandecer esse projeto.

Conclusões

Como resultado geral de nossas pesquisas, temos perspectivas animadoras de que esse projeto lance uma nova luz sobre um autor e um tema que por muito tempo foram marginalizados. A própria relação entre Oriente e Ocidente passa hoje em dia por uma constante reformulação. E a obra de Fernão Mendes consta para nós, herdeiros da cultura portuguesa, como um dos mais antigos precedentes dessa relação na qual nós também estamos envolvidos. Essa primeira fase da pesquisa está focada na China, mas para segunda parte de nosso projeto, estaremos nos voltando para o Japão, país com o qual o Brasil partilha um vínculo mais estreito devido às imigrações.

Referências

1. PINTO, Fernão Mendes., **Peregrinação** /. Lisboa : Ferreira 1908-1910. 4v. em 2.
2. HARTOG, François. **O espelho de Heródoto**: ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
3. WHITE, Hayden V.,. **Trópicos do discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura /. São Paulo: EDUSP, 1994.